

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DANIELA SILVA DOMINGOS

KALUNGA: O MAR SOB A PERSPECTIVA DE AGOSTINHO NETO

Rio de Janeiro

2024

DANIELA SILVA DOMINGOS

KALUNGA: O MAR SOB A PERSPECTIVA DE AGOSTINHO NETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciatura em Letras. Orientador(a): Vanessa Ribeiro

Rio de Janeiro

2024

Agradecimentos

Gostaria de começar agradecendo à minha querida irmã Isabella, que, infelizmente, não pode estar aqui para ver a realização do meu sonho tão esperado. Sei que, onde quer que ela esteja, está torcendo por mim e me protegendo. Aos meus pais, Maria Isabel Silva Domingos e Sebastião Domingos Filho, que, apesar de não terem tido a oportunidade de concluir o ciclo básico de ensino, criaram quatro filhos maravilhosos. Tudo o que faço e farei é por vocês, com todo o meu amor e gratidão. Aos meus irmãos, Simone e Vinícius, que estiveram ao meu lado em cada passo dessa jornada, oferecendo apoio incondicional. À minha sobrinha Laura, que, com seus apenas onze anos, me lembrava todos os dias da importância de perseverar. Este diploma nunca será só meu; é de todos nós, uma conquista compartilhada.

Às minhas amigas inseparáveis durante a graduação, Lorrany Gomes e Ana Luiza Siqueira, que foram um alicerce nos piores e melhores momentos. Wanessa Rastoldo, com quem entrei de mãos dadas no início desta caminhada e nunca mais nos separamos, você se tornou uma irmã para mim. Suas palavras de incentivo foram fundamentais. A Jamile Barbosa, que me ajudou a encontrar forças para escrever quando parecia impossível, você foi a minha luz nas horas mais escuras. A Ana Carolina Fontes, cuja amizade tornou a faculdade e a vida mais leves e alegres. Matheus Januário, que foi essencial desde o início, ajudando-me a superar barreiras e a acreditar que a vida pode ser tanto desafiadora quanto maravilhosa. Muito obrigado por estar ao meu lado, até nos momentos de desespero. E à minha orientadora, Vanessa Ribeiro, cuja orientação e apoio tornaram este trabalho possível.

De coração, agradeço a todos vocês. Como digo ao longo deste trabalho, esta obra não é apenas minha, mas um pacto coletivo. Agradeço imensamente a cada um que enxergou uma luz em mim, mesmo quando eu não conseguia ver.

Resumo

Este trabalho propõe analisar, a partir da leitura do conto “Náusea” (1980) e dos poemas “Confiança” e “Velho Negro”, extraídos de *Sagrada Esperança* (1963) e “Aspiração” publicado no *caderno de Poesia Negra de expressão portuguesa* (1953), todos de Agostinho Neto, a relação entre o mar e a identidade nacional angolana. As sequelas da colonização, delineadas como a espinha dorsal em diversas obras de Neto, fornecem o contexto central para a análise. O autor apresenta na literatura variados panoramas da cultura angolana, transformando-a em uma ferramenta para a libertação de Angola e seu povo. O mar é o ponto central desta pesquisa que visa mostrar como o colonizador se personificou através dele durante os séculos.

Palavras-chave: Agostinho Neto. Náusea. Angola. Confiança. Aspiração.

Abstract

This work proposes to analyze, based on the reading of the short story "Nausea" (1980) and the poems "Confiança" and "Velho Negro," extracted from *Sagrada Esperança* (1963), and "Aspiration," published in the Notebook of Portuguese Expression Black Poetry (1953), all by Agostinho Neto, the relationship between the sea and the Angolan national identity. The aftermath of colonization, outlined as the backbone in various works by Neto, provides the central context for the analysis. The author presents in literature varied panoramas of Angolan literary culture, transforming it into a tool for the liberation of Angola and its people. The sea is the focal point of this research, which aims to show how the colonizer has been personified through it over the centuries.

Keywords: Agostinho Neto. Nausea. Angola. Confidence. Aspiration.

Sumário

1. Introdução.....	6
2. Sobre o autor.....	7
3. Da aventura à barbárie.....	8
4. A ruptura da identidade nacional angolana a partir da chegada do colonizador.....	14
5. A simbologia do mar em Sagrada Esperança.....	20
6. Considerações finais.....	24
7. Referências bibliográficas.....	26

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo ilustrar como o mar se desenvolve ao longo da narrativa do conto "Náusea", de Agostinho Neto. O mar torna-se o personagem principal desta análise, pois se torna uma metáfora para a compreensão de várias perspectivas que envolvem a chegada e ocupação colonial de Angola.

A literatura desempenhou um papel fundamental na luta pela libertação de Angola, uma nação de grande importância na costa do continente africano, profundamente afetada pela chegada dos colonizadores e a subsequente colonização. Diante desses desafios, surgiu a necessidade urgente de buscar a liberdade por meio da expressão literária. Autores como Agostinho Neto deram voz a essas lutas através de obras emblemáticas, como os contos "Náusea" e os poemas "Aspiração" e "Velho Negro", que oferecem uma perspectiva contemporânea do passado e revelam o profundo impacto da colonização na identidade do povo angolano. Embora os textos explorados partam de uma mesma vertente, eles se apresentam em formas e tempos diferentes.

O objetivo desta pesquisa é evidenciar, por meio da análise das obras de Neto, as diversas camadas da experiência colonial e da luta pela autodeterminação que acompanham a história de Angola. Uma das obras mais expressivas de Neto que será central neste estudo é o conto "Náusea", que apresenta diversas leituras e formas de entender o eu colonizado. Essas perspectivas são vividamente retratadas neste conto, que possui grande importância na coleção de textos de Agostinho Neto. Outras obras como os poemas "Aspiração", "Confiança" e "Velho Negro" também serão utilizadas. O mar servirá como pano de fundo exploratório desta análise, proporcionando uma estrutura para compreender a vastidão literária de Neto. O simbolismo central deste trabalho reside na compreensão das vozes transmitidas por Agostinho Neto em algumas de suas obras.

À vista disso, compreende-se que a literatura se torna uma importante arma contra as milhares de marcas deixadas pela colonização. Ela emerge como uma poderosa ferramenta de resistência diante das profundas cicatrizes deixadas pela colonização. Autores como Agostinho Neto personificam essa resistência, dando voz e rosto às dores silenciadas por séculos de opressão colonial. Posto isso, a expectativa é que dentro desta análise possa-se chegar à conclusão de como a literatura colaborou para todo o panorama de libertação e entendimento da identidade nacional no território angolano, deixando

evidenciada a importância de Neto para todo este processo social.

2. Sobre o autor

Agostinho Neto, nascido em 17 de setembro de 1922, em Ícolo e Bengo, Angola, foi, além de escritor e médico, uma figura política essencial. Seu pai, Agostinho Pedro Neto, pastor catequista, influenciou positivamente seu início educacional, culminando na admissão na Universidade de Coimbra, em Portugal.

Destacando-se em Coimbra, Neto ajudou a fundar a Casa de Estudantes do Império (CEI) e a Revista *Movimento*. Posteriormente, em 1948, ganhou uma bolsa para a faculdade de Medicina na Universidade de Lisboa. Mesmo focado na medicina, sua paixão pela liberdade do povo angolano o destacou nos círculos da juventude revolucionária através de seus escritos e poesias. Após sua terceira prisão em 1956 por sua ligação a movimentos políticos, Agostinho completou seus estudos em Lisboa e fundou o Movimento Popular de Libertação de Angola. Libertado em 1959, associou-se ao Movimento Anticolonial, mudando-se para Luanda e liderando movimentos pela libertação de Angola a partir de janeiro de 1960.

Em 11 de dezembro de 1975, Agostinho Neto tornou-se presidente de Angola, marcando um momento histórico como o primeiro presidente do país após a independência de Portugal. Além de sua presidência, ele assumiu simultaneamente o cargo de reitor da Universidade de Angola, refletindo seu compromisso com a educação e o desenvolvimento intelectual do país. Neto também foi presidente da União dos Escritores Angolanos, posição que destacou seu papel como defensor das artes e da cultura angolana durante um período crucial de reconstrução nacional. Ele permaneceu no cargo até sua morte em 10 de setembro de 1979, deixando um legado significativo como líder político, intelectual e poeta revolucionário.

Agostinho Neto foi uma figura crucial para Angola e o continente africano, dedicando a sua vida ao povo e à história e destacando que a liberdade pode ser conquistada através da literatura. Médico e poeta, ele não apenas liderou a luta contra o colonialismo português, mas também usou sua escrita como uma ferramenta poderosa para inspirar e mobilizar o povo angolano em direção à liberdade. Suas palavras e ações continuam ecoando, representando um apelo à liberdade para todos os povos de origem negra.

3. Da aventura à barbárie

O conto “Náusea”, de Agostinho Neto, publicado na revista *Mensagem*, em 1980, narra a visita do personagem Velho João ao seu irmão. Durante essa mudança de local, o protagonista é invadido por memórias, simbolizando a transição entre novas e antigas paisagens. A narrativa se desenvolve inicialmente pela mudança de região do personagem, destacando as características da cidade. O sentimento que permeia o personagem causa uma alteração de perspectiva, evidenciando a mudança de região. A cidade e o mar ganham predominância, proporcionando uma nova compreensão dos elementos presentes na trama. Velho João, ao revisitar lugares familiares, é confrontado com as transformações trazidas pela modernidade e pela colonização.

Da sua cubata de Samba Kimôngua, velho João saiu com sua família, de manhãzinha muito cedo, e desceu a calçada, atravessou a cidade, toda a cidade mesmo, até os confins da baixa, passou pela ponte e pisou na ilha. (NETO *apud* SANTILLI, 1985, p. 55)

No artigo “Entrelaçamento do sujeito e memória ancestral em Náusea”, de Higor Afonso (2020), o autor analisa um dos primeiros panoramas que surgem no texto: a ilha. Quando Velho João menciona as paisagens da ilha, ele rapidamente nota uma mudança significativa entre a ilha que conhecia e a nova realidade que se apresenta diante dele. Afonso (2020) refere-se a essa transformação como uma das muitas alterações provocadas pelo colonizador. A ilha que João conheceu anteriormente não é a mesma; esta nova ilha está agora permeada por elementos que remetem à industrialização, como automóveis, asfalto e casas bonitas.

A princípio, compreende-se a relação entre o velho João e o mar. Entende-se que ele era um nativo da ilha que auxiliava seu pai na pescaria. O mar, um símbolo recorrente na obra de Neto, emerge na ilha como um elemento multifacetado. Em um primeiro momento, ele é entendido como um lugar de descanso e uma visão gloriosa; logo após, o leitor o compreende como um encapsulador tanto do temor e da resistência dos nativos quanto do poder avassalador dos colonizadores.

Depois do almoço, um bom almoço em boa paz familiar, onde tudo se esqueceu, exceto a alegria de viver e a boa pinga, o velho saiu com o sobrinho, a arrastar os pés pela areia quente da praia, deixando-se mesmo molhar, com uma alegria infantil, por uma ou outra onda mais comprida. Evocava os seus já distantes tempos de miúdo, quando era apenas o filho dum pescador. Tinha-se passado anos. Preferia carregar sacos às costas por conta dos brancos da baixa a morar na cubata de latas de petróleo de Samba Kimôngua. Mas se fosse agora! ficaria embora na ilha; a pescar e a sentir o mar. (NETO *apud* SANTILLI, 1985, p. 55)

Contudo, logo se percebe o motivo do crescimento inesperado de um sentimento dentro da narrativa: a angústia. O conto desenvolve-se sob outra perspectiva. Ao adentrar suas memórias, João recorda-se do porquê não permaneceu na ilha. Através da imagem do mar, ele rememora especialmente as lembranças remanescentes da colonização.

De repente olhou para longe e disse ao sobrinho, estendendo o braço:

- O mar. Mu' alunga!

[...]

Velho João já olhava de novo a areia e mologava intimamente. Mu'lunga O mar. Amorte. Esta água. [...]

(NETO *apud* SANTILLI, 1985, p. 55)

Desde o início da narrativa, evidencia-se a importância simbólica do mar no conto. O desenvolvimento do enredo apresenta ao leitor, por meio das imagens evocadas pelo velho João, significativas marcas sociais deixadas pelo colonizador. Esta imagem não apenas ilustra a transformação física da paisagem, mas também atua como uma metáfora para a profunda alteração das estruturas sociais e culturais da população nativa.

Ao considerar o mar como a personificação do invasor, compreende-se que ele representa a origem das mudanças impostas pela colonização. Foi a partir do mar que os colonizadores chegaram, trazendo consigo uma série de implicações socioculturais e econômicas que resultaram em uma drástica transformação na vida dos colonizados. Essa representação marítima permite ao autor explorar a abordagem da opressão e da perda, destacando como o contato forçado com a civilização europeia levou à desintegração de tradições e à imposição de novos valores. Nessa perspectiva, o mar adquire um papel central na narrativa, simbolizando não apenas o ponto de entrada dos colonizadores, mas também o veículo de propagação de suas influências devastadoras. As mudanças sociais retratadas no conto, provocadas pela chegada dos invasores, refletem a destruição de identidades culturais e a instalação de um novo ordenamento social.

O panorama histórico da colonização angolana ganha destaque, sendo essencial para compreender os cenários apresentados por Neto. A exploração econômica e social de Angola teve início no final do século XV, com a chegada da frota de Diogo Cão ao reino de Angola.

No artigo “Visões do mar na literatura angolana contemporânea”, de Tânia Celestino de Macêdo (1999), a autora retrata que o mar adquire a concepção de uma via líquida, na qual as caravelas portuguesas navegavam, chegando aos distantes portos. Com isso, o mar se torna o símbolo do alargamento do reinado português, criando o fenômeno do "ser português": o império. De acordo com Macêdo (1999), o mar se transformou em uma rede de representações sobrepostas, na qual a nação que chegava aos portos não procurava novas nações ou culturas e

sim dar continuidade ao seu território. As águas que facilitaram a expansão do império também carregavam consigo as memórias e as histórias das culturas subjugadas e apagadas pela colonização.

Se as imagens criadas eram encharcadas de mar e explicitaram o poder das caravelas, pode-se afirmar que no confronto entre os olhares e vozes foram sendo moldadas novas visões, de tal maneira que o ponto de vista das caravelas foi por muito tempo o que informou os portos, acabando por se tornar parte do seu imaginário. (MACÊDO, 1999, p. 49)

A presença da náusea na narrativa, segundo Macêdo (1999), é uma representação marcante das condições impregnadas no inconsciente do colonizado. Assim, o ato de sentir náusea ao olhar o mar é uma das reações expressas pelo colonizado, para quem não resta outra alternativa senão experimentar o desconforto diante dessa visão. Esta perspectiva torna o mar um portal emblemático, funcionando tanto como uma testemunha silenciosa das atrocidades coloniais quanto como um lembrete persistente da resistência dos nativos. O mar, portanto, atua através da existência do colonizador, mas também simboliza a resiliência e a luta contínua pela identidade e reconhecimento do povo oprimido.

O ponto central da narrativa é crucial para o entendimento da história. A partir do momento em que se compreende a causa das reações físicas de João, todas as expectativas geradas ao longo da trama começam a fazer sentido. O ato de vomitar, neste contexto, não é apenas uma resposta física, mas também carrega um simbolismo profundo que se conecta a outros elementos da narrativa. Esse ato revela a complexidade das experiências de João durante o processo de colonização, representando a repulsa, a rejeição e o conflito interno que ele enfrenta.

Olhou para Kalunga e sentiu-se mal. Uma coisa subia-lhe da barriga ao peito. O cheiro do mar fazia-lhe mal, agora. Enjoava. Desviou os olhos de Kalunga. Estes encontraram a linda rua asfaltada, verde e negra, e lá adiante a cidade, à beira do mar. Kalunga!

Sentiu náuseas. Não podia mais. Vomitou todo o almoço.
(NETO *apud* SANTILLI, 1985, p. 55-57)

As náuseas de João naquele momento e diante daquela visão representam uma grandeza de sentimentos ainda não nomeados, mas intensamente presentes. Este episódio também serve para ilustrar as tensões entre a cultura colonizadora e a cultura colonizada, mostrando como essas forças adversas se manifestam de maneira visceral.

A equivalência do mar à desgraça é operacionalizada, na esfera das expectativas da personagem, como fatalidade contra a qual ela não pode lutar, apenas enjoar-se; mas, levando em conta que a náusea é também a expressão do revoltado colonizado, é possível realizar uma leitura em que a consciência possível do velho João é ultrapassada, vislumbrando as possibilidades de uma

mudança da situação. (MACÊDO, 1999. p - 51)

A dualidade do mar, que reflete tanto o medo e a resistência dos nativos quanto o poder avassalador da colonização, emerge como um elemento multifacetado. Ele é considerado um "cemitério de ruínas", onde se depositam não apenas vestígios físicos, mas também as memórias e histórias silenciadas pela colonização. Essa relação entre o mar e os nativos ilustra vividamente a complexidade da experiência colonial em Angola, evidenciando tanto o temor dos povos locais quanto a imposição opressiva dos colonizadores.

O mar. A morte. Esta água! Esta água salgada é perdição. O mar vai muito longe, por aí fora. [...] Kalunga. Depois vieram os navios, saíram os navios. E o mar é sempre Kalunga. A morte. O mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho escravo é Kalunga. O inimigo é a morte. (NETO *apud* SANTILLI, 1985, p. 55-57)

O conceito filosófico de ruína, elaborado por Walter Benjamin em *A Origem do Drama Barroco Alemão* (1924), parte, segundo Marcelo De Andrade Pereira em "Barroco, Símbolo e Alegoria em Walter Benjamin" (2007), de uma crítica estilística ao barroco. Ao observar peças do teatro barroco alemão, Benjamin compreende que, para ilustrar a passagem do tempo, o cenário é alterado, apresentando ruínas ao fundo. Dessa forma, partindo dessa concepção, o filósofo entende que o tempo é marcado por ruínas, e essas ruínas são resquícios de histórias não contadas.

No trabalho de Benjamin encontra-se também a teoria do alegórico. Esta teoria desenvolve-se através da etimologia da palavra alegoria, derivada do grego "*allos*" ("outro") e "*agoreuein*" ("falar" ou "dizer"), isto é, falar alegoricamente é dizer o outro. No contexto do enredo de "Náusea", isso se traduz na repressão do outro, ou seja, "dizer o outro reprimido".

O alegorista arranca o objeto do seu contexto. Mata-o. E o obriga a significar. Esvaziado de todo o brilho próprio, incapaz de irradiar qualquer sentido, ele está pronto para funcionar como alegoria. Nas mãos do alegorista, a coisa se converte em algo diferente [...] (BENJAMIN, 1984, p. 40)

Neste sentido, entende-se que esses conceitos benjaminianos podem servir à análise do conto "Náusea". Ao recordar-se da história da colonização, são frequentemente exaltadas as glórias e o triunfo como grandes marcos de uma esplendorosa expedição. No entanto, o conto evidencia as marcas deixadas pela colonização, revelando uma série de barbáries e ruínas que não foram destacadas na história oficial. Sendo assim, partindo do conceito benjaminiano de alegoria interpreta-se que o mar é a alegoria mais extensa do conto, visto que, como já mencionado anteriormente, ele é a personificação do colonizador. Nas mãos do ficcionista/alegorista, o mar "grandioso" da cultura portuguesa torna-se um cemitério.

[...] O primo Xico tinha morrido sobre o mar quando a canoa se virou ali no mar grande. Morreu a engolir água. Kalunga. Depois vieram os navios . E o mar é sempre Kalunga. A morte. O mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho escravo é Kalunga. O inimigo é o mar. (NETO *apud* SANTILLI, 1985, p. 55.)

Neste trecho destaca-se o mar como *Kalunga* associando-o à morte e ao inimigo. Essas características atribuídas ao mar revelam as fortes influências do colonizador nas dimensões de Angola, conforme retratado por Agostinho Neto. João personifica o sofrimento do povo deslocado, abandonado de suas crenças e moldado para a submissão em busca da exploração e expansão imperial.

Em contrapartida, ao contrário da sociedade angolana, o mar recebe grande destaque na sociedade europeia, especialmente na sociedade portuguesa. Isso se deve ao fato de que as navegações marítimas são retratadas em algumas obras literárias portuguesas como uma das épocas mais gloriosas da sociedade lusitana, tendo impactos positivos na expansão do território português e na manutenção da monarquia.

Deste modo, visualiza-se que o poeta português Fernando Pessoa tem no mar sua principal fonte de inspiração. Um de seus poemas mais notáveis, “Mar Português” (1922), é verdadeiramente uma ode às navegações portuguesas e suas grandiosas conquistas. Dessa forma, compreende-se que o título do poema atribui o sentido de que o mar pertence a Portugal, uma vez que o país foi um dos que mais expandiu suas fronteiras através da exploração marítima.

Observa-se que a visão do mar difere significativamente entre o colonizador e o colonizado. Enquanto o colonizador se orgulha de suas conquistas, o colonizado expressa em suas obras angústias, memórias, traumas e perdas resultantes da quebra de sua identidade cultural devido às conquistas de uma sociedade alheia. A partir dessa visão paradoxal, evidencia-se que o mar assume duas vertentes profundamente distintas para as duas culturas.

Outros elementos também são trazidos por Neto para ilustrar esta relação entre colonizador e colonizado. Além de *Kalunga*, há também a citação de elementos que conduzem o leitor a compreender o cerne da visão do colonizado. Ao mencionar elementos como: o automóvel, jornal, estrada e o fecho *éclair*, é nítido a aparição na narrativa dessas referências que remontam a industrialização. É notável que esses itens aparecem no conto com o objetivo de construir uma imagem que representa as mazelas deixadas pelo colonizador. Esses elementos abrangem muito mais do que a própria colonização; eles simbolizam uma mudança profunda no estilo de vida e na estrutura social dos colonizados.

Kalunga é mesmo a morte. Trouxe o automóvel e o jornal, a estrada e o fecho *éclair*, mas para ficar embora ali ao pé da areia a fazer negações. [...] (NETO *apud* SANTILLI, 1985, p. 55.)

O conto incorpora em sua narrativa elementos que exemplificam como a colonização alterou as práticas sociais e econômicas do povo colonizado. A chegada massiva desse novo estilo de vida descaracterizou inúmeras tradições do povo nativo, criando um novo ambiente social. A modernidade trazida pelos colonizadores, apesar de se apresentar como progresso, impôs aos colonizados valores sociais que os submeteram a novas experiências como nação, distanciando-os de seus valores ancestrais.

Os elementos da narrativa funcionam como metáforas das transformações sofridas pela sociedade durante o período colonial. A industrialização, representada por itens como o automóvel e a estrada, simbolizam a exploração econômica e a alteração do espaço físico, que foram fundamentais para o projeto colonial de extração de recursos. O jornal e o fecho éclair, por sua vez, retratam a influência cultural e a disseminação de uma ideologia que visava a dominação e o controle social.

Afonso (2020) questiona em seu artigo como os elementos da industrialização abordados em “Náusea” refletem sobre o tempo. Esses elementos permitem ao leitor compreender a sobreposição entre passado e presente e a história social construída sobre ruínas. A industrialização é apresentada como uma manifestação visível da expedição dos colonizadores, trazendo um progresso aparente, mas que esconde uma grande e massiva dor sob essa glória. Para Afonso (2020), o conto propõe uma crítica ao modelo colonial de pensamento através de uma linearidade temporal, onde o futuro busca prevalecer sobre o passado. A essência ancestral, desvalorizada pelos colonizadores, é ofuscada pela busca incessante pelo desenvolvimento e por um pensamento voltado apenas para o presente e o futuro.

Outro ponto abordado por Afonso (2020) é como o colonizador buscou transfigurar o espaço e a paisagem do colonizado, impondo uma nova paisagem de acordo com seus próprios interesses e definindo assim as ruínas do colonizado. No entanto, apesar desses aspectos, o colonizado consegue se sobressair ao longo do tempo, conectando-se ao seu elo futuro, ao seu elo de liberdade. Afonso (2020) argumenta que a imagem mais forte de “Náusea” é a concha colorida, que, ao ser ouvida, permite captar o som do mar. Em sua função semelhante à dos búzios, a concha simboliza a visão do futuro para o colonizado, seu entendimento como um ser não subjugado e a tentativa de se libertar das amarras que o conectam ao colonizador.

Em síntese, o conceito benjaminiano de ruína, conforme elaborado em *A Origem do Drama Barroco Alemão* (1924), alia-se à ideia de alegoria para revelar as camadas de significado presentes em “Náusea”. A ruína, vista como testemunho de histórias não contadas

e fragmentos de um passado apagado, reflete-se no mar alegórico de Neto, que simboliza o colonizador e as consequências devastadoras da colonização. Assim, a obra de Neto, ao explorar os elementos da modernidade e suas implicações, dialoga com a visão benjaminiana de que a história mundial é construída através das ruínas, oferecendo uma crítica profunda e multifacetada da experiência colonial e suas repercussões. Dessa forma, a narrativa de "Náusea" não apenas retrata a perda e o desamparo, mas também convida a uma reflexão sobre os processos históricos que moldaram a sociedade angolana. A narrativa de Neto é permeada de significados que constituem diversos sentidos, colaborando com a ideia de que o ser colonizado constrói sua história a partir de sua ligação com os ancestrais.

4. A ruptura da identidade nacional angolana a partir da chegada do colonizador

O pesquisador Jean Carlos Moreno em seu artigo “Revisitando o conceito de identidade nacional” (2014), atribui o conceito de identidade à produção de discursos portadores de significado. Isso significa que um grupo detentor de saberes culturais e políticos dissemina um discurso para integrar aqueles que se assemelham aos conceitos explorados dentro desse determinado grupo.

A identidade nacional representa um conceito crucial para que o indivíduo estabeleça uma conexão com seus pares dentro da sociedade. Aquele que faz parte de um coletivo precisa encontrar referências que se assemelham às suas próprias experiências. Esses parâmetros orientam suas interações nas esferas afetivas, religiosas, políticas, gestuais, entre outras.

As referências podem ser encontradas em textos que buscam disseminar pontos de vista, fatos e vozes que necessitam ser ouvidas, assim como em assuntos que merecem ser discutidos. Segundo Moreno (2014), a identidade é entendida como uma construção discursiva, considerando-a uma linguagem, um ato de criação linguística ou um tipo de metadiscorso sobre experiências históricas. Em sua conferência intitulada "O que é uma nação?", o historiador francês, Ernest Renan, argumenta que a ideia de nação não se limita à raça, religião, geografia e necessidades militares, mas sim a uma compreensão que parte do desejo coletivo de superar a violência que marcou o nascimento dessa nação. Dessa forma, compreende-se que a identidade nacional é forjada através da valorização da cultura de pertencimento.

Assim, no poema “Confiança” (1949), de Agostinho Neto, publicado no livro *Sagrada Esperança*, percebe-se o sujeito poético como uma figura que não se compreende no mundo, incapaz de se reconhecer no local ao qual pertence. Ao longo das estrofes, o poema revela a busca do indivíduo por seu lugar no mundo, e a compreensão do não pertencimento surge da

procura por seu semelhante.

A questão central da Angola colonial é o pertencimento e a identidade, contexto fundamental para a compreensão do poema "Confiança" (1949), de Agostinho Neto. Sob o jugo da colonização portuguesa, inúmeras tradições e identidades locais foram reprimidas, privando os colonizados de uma compreensão plena de sua posição na esfera social. Essa dualidade no simbolismo do mar é fundamental para entender a complexidade das emoções expressas no poema.

O oceano separou-me de mim
enquanto me fui esquecendo nos séculos
e eis-me presente
reunindo em mim o espaço
condensando o tempo.

Na minha história
existe o paradoxo do homem disperso

Enquanto o sorriso brilhava
no canto da dor
e as mãos construía mundos maravilhosos

John foi linchado
o irmão chicoteado nas costas nuas
a mulher amordaçada
e o filho continuou ignorante

E do drama intenso
duma vida imensa e útil
resultou certeza

As minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo
mereço o meu pedaço de pão
(NETO, 1974, p. 61)

O "oceano" em "Confiança" também se configura como um símbolo significativo. Neto utiliza essa figura como uma representação do colonizador. Ao trazer continuamente essa imagem, fica claro que a leitura do mar nas obras de Neto é um portal emblemático para a compreensão da estrutura narrativa. O poema adquire um significado mais profundo quando o leitor entende o mar como uma metáfora para a história.

A busca do eu poético por seu lugar no mundo é uma percepção fundamental desenvolvida por Neto em seu poema. Uma das características mais marcantes da luta do movimento negro é o esforço para reencontrar sua cultura em um mundo predominantemente criado para os brancos. O apagamento da cultura negra resultou, por muitos anos, em indivíduos perdidos, que buscavam vestígios de suas culturas no mundo e não os encontravam.

A importância de obras que abordam essa visão apagada da sociedade é primordial para entender a raiz da discussão sobre a identidade negra em várias culturas.

No poema “Confiança” (1949), o eu lírico destaca que, embora suas mãos tenham contribuído para construir o mundo, ainda assim não há um lugar para ele. Esse sentimento remonta aos anos de escravidão forçada e à edificação de vários espaços que eram exclusivamente ocupados pelo colonizador.

Neste sentido, no século XIX, a sociedade angolana vivencia uma chegada massiva da industrialização, contribuindo para o entrelaçamento das culturas, especialmente a europeia, com a cultura de Angola. Com a expansão colonial, Angola se transforma no reduto dos chamados crioulos, euro- africanos e filhos da terra, que passam a receber mais prestígio social em relação ao restante da população.

Em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), Frantz Fanon desdobra o seu estudo sobre a negritude através do fenômeno da linguagem. Este processo é interpelado pelo autor de forma que ele ilustra o negro que busca se assemelhar ao branco através da língua. Segundo Fanon (2008), a língua é uma arma usada de forma severa pelo colonizador para reprimir ainda mais a cultura do colonizado.

Assim, todo esse contexto histórico contribui para o sentimento experimentado pelo eu poético em “Confiança” (1949). No contexto do poema, o sentimento de desenraizamento prejudica o indivíduo em sua construção social.

Porém, dentro deste ponto de vista, emergem do eu poético diversas formas de se olhar o mundo. Envolto na dor de sua identidade perdida, o eu poético de "Confiança" (1949) traz para o poema uma dicotomia entre o sentir e o ser. Ele percebe o que deveria ou poderia ser, mas diante do cenário imposto ao longo dos séculos, apenas "é" o que foi determinado por outros. Em “Confiança” (1949), Neto aborda o olhar de dentro do colonizado, expondo a angústia do "não poder ser", do "não poder sonhar”

Enquanto o sorriso brilhava
no canto da dor
e as mãos construíram mundos maravilhosos

John foi linchado
o irmão chicoteado nas costas nuas
a mulher amordaçada
e o filho continuou ignorante [...]

(NETO, 1953, p. 61)

Em contrapartida, é possível observar que em “Aspiração” (1953), poema publicado no

Caderno de Poesia Negra de expressão portuguesa, o autor apresenta uma outra faceta dessa mesma dor. O eu poético deste poema utiliza-se do advérbio de tempo "ainda" para refletir sobre sua dor. Diferentemente de "Confiança" (1949), "Aspiração" (1953) abraça o desejo de ser mais, a espera inabalável pelo sonho. A busca pelo reconhecimento é o que conduz este poema; "ainda" não é apenas um advérbio de tempo, neste poema, ele é um advérbio de intensidade. À medida que o eu poético reconhece e nomeia suas dificuldades, seu desejo cresce e se transforma em um grito reconhecido e nomeado. A liberdade é o que o conduz, o desejo de ser alguém, de ser ouvido, de ser identificado. Este desejo é permeado por outras vozes. Quando o eu poético nomeia diferentes localidades (Congo, Geórgia e Amazonas), representando as diásporas africanas.

Ainda o meu canto dolente

e a minha tristeza
no Congo, na Geórgia, no Amazonas

Ainda
o meu sonho de batuque em noites de luar

Ainda os meus braços
ainda os meus olhos
ainda os meus gritos.

Ainda o dorso vergastado
o coração abandonado
a alma entregue à fê
ainda a dúvida.

E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
os meus gritos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado.

Ainda o meu espírito
ainda o quissange
a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgiaco.

Ainda a minha vida
oferecida à Vida.
ainda o meu desejo.

Ainda o meu sonho
o meu grito

o meu braço
a sustentar o meu Querer.

E nas senzalas
nas casas
nos subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda

O meu Desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas.
(NETO, 1953, p. 58)

Na obra *Sagrada Esperança* (1963), Agostinho Neto apresenta não só o poema "Confiança", mas também "Velho Negro" (1963), no qual o eu lírico também busca sua identidade nacional. Ambos os poemas compartilham dimensões semelhantes, destacando-se como expressões significativas da busca por identidade nacional. Esta coletânea de poesias, publicada no ano da libertação de Angola, é considerada por alguns estudiosos como um marco importante na luta pela liberdade do povo angolano por meio da literatura.

Entretanto, o que se vê em "Velho Negro" é um eu poético que tende a repensar o seu "eu" no mundo. Este eu lírico traz algumas características que são vistas na maioria das obras de Agostinho Neto: identidade e memória coletiva, resiliência e resistência, dor e sofrimento, sabedoria, visão de futuro e conexão com a terra.

Deste modo, estas características conferem ao eu poético uma ótica nacionalista. A identidade e a memória coletiva são apresentadas quando ele compreende que carrega as memórias de seu povo e representa a dor trazida por toda uma nação. A resiliência e resistência frente à opressão colonial fazem dele a personificação da luta para manter a identidade e dignidade do povo angolano. A dor e o sofrimento são evidentes nas estrofes, expressas pelo eu lírico, que demonstra sua tristeza e contínua luta pela liberdade. A sabedoria é transmitida pelas suas palavras que parecem ecoar de seus ancestrais. Sua visão de futuro se combina com a esperança de liberdade. Por fim, a sua conexão com a terra se revela na valorização das tradições e na preservação da cultura, como forma de combater o apagamento imposto pelo colonizador.

Essas características entrelaçadas no eu lírico de "Velho Negro" reforçam a narrativa de resistência e reafirmação cultural, consolidando a importância da poesia de Neto como um meio de denúncia e resgate da identidade angolana.

Vendido

e transportado nas galeras
 vergastado pelos homens
 linchado nas grandes cidades
 esbulhado até ao último tostão
 humilhado até ao pó
 sempre sempre vencido

É forçado a obedecer
 a Deus e aos homens
 perdeu-se

Perdeu a pátria
 e a noção de ser

Reduzido a farrapo
 macaquearam seus gestos e a sua alma
 diferente

Velho farrapo
 negro
 perdido no tempo
 e dividido no espaço!

Ao passar de tanga
 com o espírito bem escondido
 no silêncio das frases cômicas
 murmuram eles:
 pobre negro!

E os poetas dizem que são seus irmãos.
 (NETO, 1974, p. 54)

No artigo “O negro fora da negritude na poesia de Agostinho Neto: uma separação possível!”, de Eurico Cambanda Belo Caiúve (2018), o autor relata que o livro *Sagrada Esperança* é um grande marco do patriotismo angolano. As poesias dão voz a um povo que passava por um dos momentos mais importantes de sua história.

Sagrada Esperança marca e insere-se, assim, numa época de profundas mudanças no paradigma sociopolítico. Muitos angolanos revêem-se nela, são motivados pela sua mensagem, sendo que a mesma se apresentava como uma obra «reflexiva e serena», num período conturbado da História angolana. (CAIÚVE, 2018, p. 6)

Deste modo, todas as perspectivas englobadas nestes dois poemas revelam os paradoxos presentes nas obras de Neto. O reconhecimento de sua cultura e a busca por sua identidade nacional trazem características distintas para o eu lírico que permeia o poema "Confiança" (1949), contrastando com aquele presente em "Aspiração" (1953). Assim como

em "Náusea", nesses poemas encontramos novamente uma voz que deseja ser mais ouvida. Apesar de "Náusea", "Aspiração", "Velho Negro" e "Confiança" abordarem temáticas muito parecidas, cada obra se torna emblemática ao explorar diferentes facetas dos colonizados. Pode-se dizer que, em cada um deles, vemos a angústia, a violência, o medo e a sede de liberdade, interligados por personagens que podem parecer os mesmos, mas que se revelam completamente diferentes quando se compreende o cerne de suas narrativas. A análise desses poemas não apenas destaca as complexidades das experiências de Neto, mas também oferece percepções valiosas sobre as dinâmicas culturais e sociais em Angola e na África como um todo durante o período colonial.

5. A simbologia do mar em *Sagrada Esperança*

A literatura desempenha um papel importante na formação de uma sociedade. A forma oral da literatura foi uma das expressões mais significativas da sociedade angolana. Tanto as obras orais quanto as escritas são fundamentais para entender os inúmeros fatores que contribuíram para o processo de libertação da sociedade angolana.

Segundo o pesquisador Manuel Brito Neto, em seu artigo "História e Educação em Angola: Do Colonialismo ao Movimento Popular de Libertação de Angola" (2005), a ocupação de Angola por Portugal não ocorreu apenas por meio da conquista territorial, mas também através da educação. A nação colonialista dominou o território e estabeleceu o objetivo de doutrinar a população local, utilizando para isso os métodos religiosos.

Bruto Neto (2005) afirma que a doutrinação religiosa ocorreu com mais força entre os séculos XV e XIX, direcionada especialmente ao território indígena. Os habitantes foram obrigados a se submeter à catequese, enquanto a alfabetização e o letramento lhes foram omitidos.

O período de doutrinação foi caracterizado pela forte ligação então existente entre a Igreja Católica e o Estado Português, mais se preocupando com o ensino da religião aos indígenas de Angola, deixando de lado a sua instrução e o seu letramento. (BRITO, 2005, p.32)

Dessa forma, observa-se que a tradição oral indígena surge como um ato crescente de resistência ao domínio europeu. Esse movimento é observado em inúmeras outras culturas que conseguiram preservar a história de seus povos por meio da oralidade. A cultura angolana seguiu o mesmo caminho, formando sua trajetória literária através dessas histórias orais. Uma das grandes contribuições para o crescimento dessa literatura foi o entrelaçamento com histórias musicadas, que eram cantadas e transmitidas de geração em geração.

Nesse sentido, entende-se que a sociedade angolana se desenvolveu a partir de suas

lutas. Segundo Brito (2005), no século XX houve grandes manifestações de nativos reivindicando melhores condições de trabalho, pois as marcas profundas deixadas pela colonização europeia ainda eram extremamente presentes.

Dessa nova movimentação surgiu o nacionalismo angolano, segundo Brito (2005). Esse movimento colaborou para a expansão de diversos outros que ajudaram no processo de libertação de Angola, culminando no Movimento Popular de Libertação de Angola, fundado em 1956, que até hoje governa o país.

Esses aspectos importantes se interligam com a literatura, visto que Agostinho Neto foi uma das figuras mais influentes na consolidação desse movimento em Angola. Entre os pensadores angolanos que se destacaram nesse contexto, incluem-se Agostinho Neto, Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade, três dos maiores intelectuais que contribuíram significativamente para o movimento de libertação.

A literatura é uma arma consolidada que busca moldar todas as suas falas através de memórias escritas. A escrita foi um meio encontrado ao longo dos séculos como uma forma de preservar o que se queria apagar. Graças à escrita, é possível resgatar e trazer à tona diversos relatos que devem ser compreendidos como parte integral da história.

Sagrada Esperança é uma obra fundamental na coletânea de Agostinho Neto. O livro desempenhou um papel crucial em diversos processos sociais que culminaram na libertação de Angola. Neto apresenta diversos poemas que revelam o âmago do ser colonizado, construídos ao longo das décadas de 1940 a 1960.

Neto utiliza uma variedade de fatores que permearam a colonização de Angola e do continente africano como um todo. A obra é vista como um dos marcos mais importantes da literatura africana. Seus poemas capturam as complexidades e os sofrimentos da experiência colonial, ao mesmo tempo que expressam a esperança e a resistência do povo angolano.

Através de suas metáforas e simbolismos, Neto constrói uma narrativa poderosa que não apenas denuncia as injustiças do colonialismo, mas também inspira um senso de identidade nacional e resistência. É importante destacar que *Sagrada Esperança* não é apenas uma coleção de poemas, mas um testemunho da luta pela liberdade e um manifesto literário contra a opressão.

A simbologia do mar em *Sagrada Esperança* é particularmente significativa. Ele é representado como um espaço de profunda ambivalência enquanto veículo dos colonizadores, trazendo opressão e destruição cultural, mas também simboliza a vastidão, a resistência e a memória coletiva do povo angolano. Essa dualidade permite uma exploração complexa das consequências da colonização, onde o mar emerge como um "cemitério de ruínas", acumulando perdas e histórias não contadas de gerações subjugadas. Além disso, o mar em *Sagrada*

Esperança ecoa o simbolismo presente em "Náusea", sendo um mar alegórico permeado por inúmeras dores reprimidas que sustentam histórias e narrativas que o personificam como "Kalunga", termo do idioma Kimbundo que significa ("morte").

No artigo "O Eu e o Outro em *Sagrada Esperança*", de Marcelo José Caetano (1999), o autor discute como a escrita se torna um ato de memorizar as experiências vividas ao longo dos anos de servidão. Segundo Caetano (1999), o eu poético de *Sagrada Esperança* está em um caminho de autoconhecimento que levará ao seu reconhecimento no mundo. Este processo de autodescoberta é essencial não apenas para a identidade pessoal do eu lírico, mas também para a identidade coletiva do povo angolano.

Caetano (1999) defende que a poética de Agostinho Neto preserva a memória dos séculos de colonização e atua como um instrumento de resistência cultural e política. Sua escrita assume uma forma de consolidar a identidade angolana ao resgatar e dar voz às histórias que foram apagadas, reivindicando o reconhecimento de um povo que não quer ser visto apenas pela ótica do colonizador.

Desta forma, a literatura e suas metáforas constituintes contribuíram para um dos processos sociais mais importantes que moldaram a Angola contemporânea. Segundo Taísa Teixeira Medeiros, no artigo "Conscientização e Luta em *Sagrada Esperança*" (2015), as reflexões introduzidas na coletânea de poemas colaboraram significativamente para o entendimento internacional sobre a situação em Angola. Medeiros (2015) destaca como os poemas de Neto não apenas articulam a dor e a resistência dos angolanos, mas também convidam o leitor a refletir sobre a injustiça e a necessidade de solidariedade global.

Através das palavras, Agostinho Neto, poeta angolano (e também o primeiro presidente de Angola após a independência dessa nação) tenta levar principalmente os opressores a uma mudança de consciência. Essa iniciativa se dá por mensagens de otimismo - segundo Basil Davidson, autor do prefácio, "um otimismo severo que nunca é sentimental ou romântico" (1985, p. 6), amor à vida e humanismo. Sua poesia não permite mascaramento: sua luta é clara. Não à toa, Agostinho foi vítima de opressões e frequentes vezes preso por posicionar-se contra a autoridade colonial portuguesa. (MEDEIROS, 2015, p. 2)

O emblemático "Velho Negro", é um dos poemas que sintetiza todas as construções elaboradas anteriormente. Na obra, encontra-se um eu poético questionador, que traz consigo diversas dores e sentimentos fortemente expressados ao longo das estrofes. Assim como em "Aspiração", é visível um desejo inerente de pertencimento. Esse desejo permeia *Sagrada Esperança*, livro que simboliza um tratado literário coletivo, como se tivesse sido escrito por muitas mãos e diversas vozes, demonstrando a pluralidade do movimento literário entre os

escritores angolanos.

Quando se lê os poemas contidos em *Sagrada Esperança*, é possível traçar uma reta formada por vários pontos em comum nos poemas. Uma das características que mais chamam a atenção ao longo da obra é a forma como o autor defende seu povo, o exalta e o valoriza. (MEDEIROS, 2015, p.2)

Medeiros (2015) salienta continuamente o quanto esta coletânea é impulsionada por fatores políticos. A autora argumenta que Neto tende a valorizar e exemplificar as questões sociais que mais endossam todas as narrativas presentes nos poemas. Sendo assim, constata-se que *Sagrada Esperança* não é um livro apenas para quem está inserido nas problemáticas que o compõem, mas também para quem está de fora, de forma a compreender as diversas lacunas que a colonização deixou. Ler os poemas é compreender não só os negros de Angola, mas a população negra pelo mundo.

Assim, *Sagrada Esperança* incorpora o que foi enfatizado neste trabalho: a busca pela identidade nacional, conceito que Neto ressalta incessantemente em sua coletânea. Grande parte do eu poético dos poemas reflete essa característica, tornando-a uma das mais emblemáticas para a cultura negra. Em função disso, pode-se dizer que *Sagrada Esperança* não é escrito apenas por Neto, mas pelas dores de toda a população negra.

[...] Assim, Agostinho Neto contempla dois momentos da luta com a qual muitos angolanos se identificam, falando da dor da partida, do sentimento de saudade e da esperança do reencontro com sua pátria já independente. (MEDEIROS, 2015, p.2)

Portanto, compreende-se que *Sagrada Esperança* constitui uma amostra significativa de como a literatura desempenhou um papel crucial na implementação de novas políticas públicas que auxiliaram no processo de libertação e na discussão de diversos fatores políticos no território angolano. A literatura foi instrumentalizada como uma arma poderosa para diminuir o poder que o colonizador ainda exercia sobre o território colonizado, funcionando como uma voz para os oprimidos e um chamado à ação.

Publicado em 1974, *Sagrada Esperança* surge cinco séculos após a chegada dos colonizadores, evidenciando a longa e persistente luta contra a opressão colonial. A obra reflete a resistência política e social do povo angolano, sendo um testemunho da sua resiliência cultural. Utilizando a poesia e a prosa, Agostinho Neto articula as dores, as aspirações e a determinação de um povo que ansiava pela liberdade.

Segundo Ana Paula Teixeira Porto, no artigo "Cultura e Literatura Africana de Angola: Diálogos Ininterruptos" (2015), a literatura angolana adquire um lugar de denúncia. Uma nação esvaziada de seu próprio simbolismo e permeada por guerras e submissão encontra na literatura um meio de expressão e comunicação com o seu próprio âmago. Em um contexto de

dependência colonial e luta interna, é nesse cenário que se encontra o escritor angolano.

Neto, com sua obra, tenta envolver a população em uma luta intelectual que vai além da violência, abrangendo diversas outras percepções. *Sagrada Esperança* é, neste sentido, mais do que uma coletânea de poesias; é um manifesto literário que busca despertar a consciência nacional e reforçar a identidade angolana. Ao abordar temas como a resistência à opressão e a busca pela liberdade, a obra de Neto se torna um marco na literatura angolana, promovendo um diálogo profundo e contínuo sobre a condição colonial e a necessidade de uma identidade cultural autêntica e soberana.

A narrativa poética de Neto não apenas denuncia os horrores da colonização, mas também transmite uma mensagem de valorização profunda de sua cultura, que parece ser o objetivo primordial do autor. Sua escrita, caracterizada por um tom emocional, revolucionário e reflexivo, busca justiça por meio das palavras. Este compromisso literário reflete uma escolha pessoal do escritor, aliando-se ao povo e servindo como um poderoso instrumento para empoderar aqueles que carecem de representação histórica global.

A literatura negra de Neto em *Sagrada Esperança* exemplifica o resgate das vozes silenciadas, elevando-o a um dos grandes pensadores do século XX devido à sua persistência na defesa da educação e na ampliação de sua narrativa ao longo dos tempos. Essas perspectivas ilustram o quanto a população negra deve se apoiar na criação intelectual, considerando que ao longo dos séculos houve uma privação sistemática de educação para este grupo. A educação, entendida aqui como alfabetização e letramento, foi frequentemente negada a essa população, representando seu maior patrimônio e revelando o quanto de sofrimento foi apagado da história. A colonização foi uma das empreitadas que mais causaram dor a diversos povos. No entanto, ao longo do tempo, é possível mudar essas perspectivas, e obras como *Sagrada Esperança* oferecem conforto para essa dor. Em vista disso, compreende-se que *Sagrada Esperança* é uma coletânea de poemas que reúne a força e resiliência do povo angolano através das palavras. Neto escreve e simboliza as reflexões e mudanças sociais que ocorreram no período pós-colonial. É verdadeiro afirmar que a obra funciona como um documento histórico que revela a essência do período após a independência, no qual houve uma busca pelo entendimento social de Angola como nação independente. A coletânea é a reunião de diversas lutas não expressas, que ganham luz através das palavras de Neto, colaborando para o crescimento, resgate e reconexão com suas raízes.

6. Considerações finais

O objeto de grande expressão desta análise é o mar, que se torna quase um personagem nas obras analisadas nesta pesquisa. O mar é caracterizado como o colonizador, uma vertente mais evidente em "Náusea". Esse personagem está presente em praticamente todas as narrativas aqui analisadas.

O mar contribui para que se compreendam, do ponto de vista do colonizado, os impactos da colonização. Essa perspectiva é de suma importância, pois, como se compreende ao longo da análise, o colonizado não tem uma voz na história contada pelo colonizador. Nesse sentido, este ponto é primordial para que se entenda o cerne da problematização de Agostinho Neto em "Náusea" e em outras obras.

Assim, a visão benjaminiana de ruína contribui para a compreensão de como a história da população angolana foi construída através das ruínas deixadas pela colonização. A narrativa de Neto demonstra o quanto este processo foi extremamente doloroso para o ser colonizado. O conceito de identidade nacional para o colonizado e também escravizado tornou-se uma linha tênue entre assemelhar-se ao colonizador e distanciar-se de seu eu ancestral. A identidade nacional é questionada mediante os vários aspectos que foram deixados de lado com a chegada do colonizador, que trouxe consigo a industrialização.

A industrialização, como um processo econômico e espacial, colaborou para tal distanciamento. Em "Náusea", esse aspecto é ilustrado ao mostrar como a industrialização muda o entendimento do colonizado sobre o espaço, que se torna a cidade. O Velho João encarna várias vertentes do eu colonizado, cujo principal objetivo é questionar essa expansão territorial e intelectual. A narrativa apresenta vários aspectos que colaboram com esse entendimento.

Nas outras obras analisadas, como "Confiança", "Aspiração" e "Velho Negro", chega-se ao entendimento de que o eu lírico que permeia esses poemas parece ter a mesma voz em várias etapas de sua compreensão como um eu. Em "Aspiração", vemos um eu poético perdido em sua busca pelo seu lugar no mundo. Em "Confiança", encontramos um eu lírico que, novamente, usa o mar para personificar o colonizador, refletindo sobre a construção do mundo através de suas mãos e, ainda assim, não ter um lugar para existir e sobreviver. Em "Velho Negro", vemos um eu poético que se recorda dos anos de escravidão e, no verso final, exemplifica o apagamento ao longo da história: "E os poetas dizem que são seus irmãos!"

Portanto, torna-se evidente que Agostinho Neto produziu obras de importância

múltipla ao longo do tempo e da compreensão da história, especialmente para o movimento negro e a história em geral. Seu proclamado patriotismo colaborou para o surgimento e criação de uma nação livre e apesar das transformações através de batalhas, pode-se afirmar que sua contribuição intelectual foi crucial nesse processo.

Ao ler a coletânea de obras de Neto, percebe-se que se está lendo mais do que apenas textos: é a leitura de uma nação. A importância da literatura para o entendimento de diversos questionamentos da população negra foi e continua sendo uma das questões mais emblemáticas. No decorrer de suas obras, Neto não apenas narra a história de Angola, mas também dá voz aos silenciados, criando um legado literário que ressoa profundamente com as lutas e aspirações de seu povo. Assim, sua obra permanece relevante e essencial para a compreensão da experiência colonial e suas repercussões até os dias de hoje.

7. Referências bibliográficas

AFONSO, Higor. **Entrelaçamento dos sujeitos e memória ancestral em “Náusea”, de Agostinho Neto**. Revista Mulemba, Rio de Janeiro, v.12, n. 22, p. 49 - 6 , jan./ jun. 2020.

Disponível em:

file:///C:/Users/Convidado/Downloads/nazircan,+Mulemba-V12-N22-221020-49-61%20(2).pdf. Acesso em: 3 jul. 2024.

BENJAMIM, W. **Origem do drama barroco alemão**. Local: São Paulo. Editora: Brasiliense, 1984.

CAIÚVE, Eurico Cabanda Belo. **Negro fora da negritude na poesia de Agostinho Neto: uma separação possível!** 2018. Tese (Mestrado). Curso de Artes e Letras, Universidade Da Beira Interior, Covilhã, 2018. Disponível em:

https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9954/1/6255_13294.pdf. Acesso em: 25 jun 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra máscara branca**. Projeto Pele negra. Salvador - BA, 2018.

E-book. Disponível em:

<http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cantarin/elpl-uab-literatura-africana-em-perspectiva-recepcional/material-extra/Pele%20negra%20mascaras%20brancas%20-Frantz%20Fanon.pdf/view>.

Acesso em: 29 mai 2024.

MACÊDO, Tania Celestino de. **Visões do mar na literatura angolana contemporânea**. Via Atlântica, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 48–57, 1999. DOI: 10.11606/va.v0i3.49004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49004>.. Acesso em: 3 jul. 2024.

MEDEIROS, Taísa Teixeira. **Conscientização e luta em Sagrada Esperança**. Revista Ao pé da letra, Santa Maria, v. 18.1, n.2, p. 151 - 154, set./ out. 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/pedalettra/article/view/231884/26069>. Acesso em: 3 mai 2024.

MORENO, Jean Carlos. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. **Identidades brasileiras: composições e recomposições [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 7-29. Desafios Contemporâneos collection. ISBN 978-85-7983-515-5. Available from SciELO Books.

NETO, Agostinho. **Caderno de Poesia Negra de expressão africana**. 1953

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

NETO, Agostinho. Náusea. In SANTILLI, M.A. **Estórias africanas**. São Paulo: Ática, 1985. P. 55-57.

NETO, Manuel Brito. **História e Educação em Angola: Do Colonialismo ao Movimento Popular de Libertação de Angola**. 2007. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas - SP. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/362636>. Acesso em: 4 abr. 2024.

PORTO, Ana Paula Teixeira. **Cultura e Literatura Africana de Angola: Diálogos Ininterruptos**. Revista Prânkis. [S. l.], v. 1, p. 9–16, 2016. DOI: 10.25112/rp.v1i0.794. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/794>. Acesso em: 20 fev. 2024.